

FONOLOGIA E ORTOGRAFIA: IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS

Lêda Terezinha Martins*

No que diz respeito à Ortografia do Português, por mais que procurarmos, não conseguimos sair do que já sabemos: algumas regras, bastantes exceções, a pesquisa em dicionários e a memorização através da leitura e redação.

O problema consiste em termos, por vezes, uma letra para vários fonemas e em outras, muitas letras para um mesmo fonema. Diante de tal fato, o aluno encontra-se numa dúvida constante e o professor nem sempre tem uma explicação aceitável.

Será possível fazer uma descrição científica do código escrito, encontrando regras para o uso das letras, ou será que tal sistema não existe, e é, portanto, inútil buscar uma descrição do mesmo?

Tais indagações têm sido constantes para os estudiosos de nossa língua, o que se pode verificar pelos diferentes períodos encontrados na ortografia portuguesa: o fonético, o etimológico e o misto.

Os primeiros documentos redigidos em português mostram a preocupação de se grafar o som. No entanto, a grafia, tradicional como é, não pode acompanhar de perto a evolução da língua oral. A confusão de grafias passa a ocorrer a cada momento, e é agravada pelas diferenças regionais e individuais. A pronúncia, extremamente variável, acaba tornando anárquico o sistema fonético: a língua não é estática, e a fala não é invariável e coletiva: é dinâmica, individual. Diante da variabilidade, é impos-

* Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Rio Grande.

sível a existência de uma unidade gráfica. Por esse motivo, foi proposto, durante o Renascimento, o sistema ortográfico etimológico.

O sistema etimológico procura aproximar, tanto quanto possível, a forma original, mesmo que os caracteres usados não representem nenhum valor fonético. Sem dúvida, esse sistema é o único capaz de oferecer, na medida do possível, a unidade gráfica dos documentos de uma língua. É esta a sua vantagem. A ela, no entanto, contrapõem-se algumas dificuldades. Falta conhecimento de todos os étimos, pois o material que trata desse assunto ou é muito falho ou de difícil acesso. Além disso, a escrita etimológica, em muitos casos, distancia-se demais do uso atual. Há ainda outro problema: a língua evolui a cada dia; como grafar palavras novas?

Assim, as causas das irregularidades ortográficas persistem. Frente a essa situação, nova reforma foi proposta: um sistema misto, onde entrassem elementos fonéticos e etimológicos. A base desse sistema é a etimologia, mas quando existir inteira discordância entre a etimologia e a pronúncia, é esta a que deve predominar.

Sabe-se que o estudo da ortografia, mesmo após a regulamentação do sistema misto, ainda não apresenta resultados satisfatórios. Língua oral e escrita são dois sistemas distintos. No entanto, sempre existiu uma confusão entre palavra escrita e falada. A escrita, opondo-se ao dinamismo da fala, é mais estável e, de certa forma, retarda sua evolução. É ela que, num sistema misto, baseado em regras estabelecidas, retrata os diferentes estágios por que passou a língua, e quais as transformações sofridas nas diferentes etapas.

O sistema da língua compreende um conjunto de traços necessários e invariáveis. Estes, porém, não têm existência própria, a não ser que sejam manifestados por outros, variáveis. A forma compreende a invariabilidade; a substância, a manifestação da invariante pelas variantes. E isso é válido tanto para o código oral quanto para o código escrito. Acreditamos que se existem, no código oral, invariantes (os fonemas) e variáveis (os sons), essas mesmas características podem ser encontradas no código escrito: os grafemas (invariantes) e as letras (variáveis). Assim, parece adequada a utilização de uma metodologia de descrição fonológica para o estudo do sistema ortográfico.

A análise fonológica e grafemática do plano da expressão fornecerão duas formas semióticas diferentes manifestadas por substâncias distintas. O primeiro passo é diferenciar fonema/grafema, unidades do código oral e escrito, respectivamente.

Ao escrevermos, estamos usando um outro código, diferente do oral. Não estamos recodificando, mas sim, codificando novamente, de maneira diferente. A escrita é, portanto, a transcodificação do sistema oral, auditi-

vo, para o sistema gráfico, visual. É mais elaborada, conservadora. Tem caráter coletivo e menos recursos expressivos que a língua falada. Se o código oral atende a um tempo e um espaço, com sua dinâmica, o código escrito foi criado para superar tempo/espaço, marcando diferentes épocas.

Exemplifiquemos, primeiramente, as unidades pertinentes do código oral, os fonemas. Para tanto, analisemos o seguinte par:

"Sê"	/s é/	[s é,]
"Zê"	/z é/	[z é,]

/s/ se opõe a /z/, pois a troca de uma unidade pela outra altera o significado do signo. Tem-se, portanto, duas unidades mínimas, distintas e pertinentes, ou seja, dois fonemas, que podem ser assim descritos:

/s/	alveolar	/z/	alveolar
	surdo		sonoro

O traço diferenciador entre essas unidades é dado na laringe: surdez/sonoridade. Pode-se encontrar par comutativo entre /s/ e /z/ em marginal inicial silábica em monossílabos (sé/zé), em dissílabos (ása/áza), em trissílabos (aséytI/azéytI) etc. Porém em posição marginal final não é possível fazer essas oposições, pois elas não ocorrem em Português. Os femas surdo/sonoro, nessa posição, neutralizam-se, resultando no arquifonema sibilante /S/.

Vejamos, agora, os traços pertinentes do código escrito, ou seja, os grafemas. Como já foi visto anteriormente, o código escrito do Português já teve sua fase fonética, onde era grafado o som; já teve sua fase etimológica, onde foi grafada a "história" da língua; está agora num período misto, na tentativa de ultrapassar tempo e espaço, além de atender às inovações. Os grafemas, portanto, apresentam traços fonéticos e traços etimológicos.

Analisemos dois signos:

"Sê" (nome do fonema /s/)
"Cê" (nome da letra "C")
"S" corresponde a /s/ [s] = "S" Grafema Fonético
"C" corresponde a /s/ [s] = "C" Grafema Etimológico

Acreditamos ser “S” um grafema fonético, pois surgiu para grafar esse som e persiste, até hoje, com o mesmo valor.

Supomos ser “C” um grafema etimológico, pois na origem “c” soava [k]. Abrandou-se diante de “E” e de “I”, passando a soar [s]. Apesar da alteração do som, a letra persistiu.

A título de exemplificação, apresentaremos aqui algumas análises, que seguem o seguinte modelo:

- a) - Par comutativo
- b) - Etimologia da palavra
- c) - Causa fonética do uso da letra
- d) - Causa etimológica do uso da letra
- e) - Derivação da palavra base, a fim de verificar a pancronia da língua
- f) - Indicação das variantes combinatórias de mera questão gráfica (quando houver)
- g) - Apreensão dos grafemas e das variantes.

1. MONOSSÍLABOS

1.1 Marginal inicial absoluta (Mia)

1.1.1 “S” / “Z”

a) Par comutativo

/ Mia Mii Mir C Mfr Mfa /	“Mia Mir C Mfr Mfa”
s é	s é
z é	z é

A troca de “S” por “Z” forma um novo signo escrito. Há, portanto, pertinência, e “S” e “Z” são grafemas.

b) Etimologia da palavra

“Sé” = do latim SEDE (assento, cadeira). Passou a significar a igreja onde fica o trono do bispo, a catedral.

“Zé” = José > Zé

c) Causa fonética do uso da letra

“Sé” - SEDE > SÉ

- Síncope da consoante intervocálica sonora “d”
- Crase vocálica

Quanto a “S” persiste em posição de marginal inicial absoluta (Mia) realizado pelo som [s]. A letra “S”, nessa posição, em monossílabos, soando [s] tem causa fonética, pois acompanha o som desde a origem.

- “Zé” - José > Zé
- Aférese em José
 - Pela sonorização, “S” intervocálico soa [z].
- Ao se tornar monossílabo, “S” passa a “Z”, acompanhando o som. A letra “Z”, em posição de marginal inicial absoluta, soando [z] tem causa fonética:
- “S” > “Z” ao deixar de ser intervocálico, para acompanhar o som.

d) *Causa etimológica do uso da letra*

- Não há.

e) *Derivação*

- “Sé” - sede - sediado etc.
- “S” persiste na derivação em posição de Mia, em monossílabos, soando [s].
- “Zé” - Zeca - Zezinho - Zezé etc.
- “Z” persiste na derivação em posição de Mia, em monossílabos, soando [z].

f) *Indicação de variantes*

- Não há.

g) *Apreensão dos grafemas*

- “S” - **Grafema Fonético** em posição de Mia, em monossílabo.
- “Z” - **Grafema Fonético** em posição de Mia, em monossílabo.

1.1.2 “S” / “C”

a) *Par comutativo*

/ Mia Mii Mir C Mfr Mfa /	"Mia Mir C Mfr Mfa"
s é	s e m
s é	c e m

A troca de "S" por "C" forma um novo signo escrito. Há, portanto, pertinência, e "S" e "C" são grafemas.

b) Etimologia da palavra

"Sem" = preposição, do latim Sine (mesmo sentido).

"Cem" = forma apocopada de Cento, por efeito de próclise.

Cento = do latim, Centu

c) Causa fonética do uso da letra

"Sem" - "Sem" > "Sine"

Quanto a "S" persiste, em posição de Mia realizado por [s]. Portanto, "S", nessa posição, em monossílabo, soando [s] tem causa fonética, pois acompanha o som desde a origem.

d) Causa etimológica do uso da letra

"Cem" - "Cem" > Centu

Quanto a "C" persiste, em posição de Mia realizado por [s]. "C" nessa posição, em monossílabo, soando [s] tem causa etimológica (houve mudança de som, mas a grafia permaneceu igual).

e) Derivação

"Sem" - Não há.

"Cem" - centavo - centímetro - etc.

"C" persiste na derivação em posição de Mia, em monossílabos, soando [s].

f) Indicação de variantes

Não há.

g) Apreensão dos grafemas

“S” - **Grafema Fonético** em posição de Mia, em monossílabos.

“C” - **Grafema Etimológico-Fonético** em posição de Mia, em monossílabos.

1.2 Marginal inicial intermediária (Mii)

1.3 Marginal inicial relativa (Mir)

1.4 Marginal final relativa (Mfr)

Obs.: Nesses casos, o /s/ não ocorre, e quando ocorre, como por exemplo no signo “*psiu*”, não há coincidência entre a sílaba fonológica e a sílaba ortográfica. Temos, na sílaba fonológica, um dissílabo; já na sílaba ortográfica, temos um monossílabo. Pode-se afirmar que “S” ocupa posição de Mir somente no código escrito, e soa [s] acompanhando o som. Tem, portanto, causa fonética. Em relação ao código oral, ocupa posição de Mia de sílaba final.

1.5 Marginal final absoluta

a) Par comutativo

/ Mia Mii Mir C Mfr Mfa /	“Mia Mir C Mfr Mfa”
n ó S	n ó s
n ó S	n ó z

A troca de “S” por “Z” forma um novo signo escrito. Há, portanto, pertinência, e “S” e “Z” são grafemas.

b) Etimologia da palavra

“Nós” = do latim NŌS (pronome nós)

“Noz” = do latim NUCE (qualquer fruto com casca e amêndoa)

c) Causa fonética do uso da letra

“Nós” “S” soava [s]. Por esse motivo, no período fonético era grafado “S” quando desapoado de vogal. Esse fato persiste

até hoje em normas fonéticas do português.

d) *Causa etimológica do uso da letra*

“Noz” - Inicialmente, “C” soava [k]. Posteriormente, abrandou-se diante de “E” e “I”, persistindo o uso do “C”. Com a sonorização, a consoante surda intervocálica “C” passou a sonora, soando [z]. Com a apócope da vogal em posição fraca (átona) final, “Z” deixou de ser intervocálico, ensurdecendo: passa a soar [s]. Apesar da mudança de som, a letra permanece. Portanto, “C” [s] > “Z” [z] > “Z” [s].

e) *Derivação*

“Nós” - nosso - nossa - etc.

“Noz” - nozes - nucífero - noqueira
(nesses casos, nem sempre a letra persiste na derivação).

f) *Indicação de variantes*

“nosso - nossa” - “SS” = [s] = Variante combinatória de mera questão gráfica. “S” quando intervocálico, soa [z]. Na derivação, para que continue soando [s] apesar de intervocálico, “S” > “SS”.

“nucífero - noqueira” - “C” e “G” eram oclusivas sempre. Abrandaram-se diante de algumas vogais, e “C” passou a soar [s] ou [k], e “G” passou a soar [z] ou [g], dependendo da vogal que lhe seguia. A derivação dessas palavras mostra a persistência do étimo.

g) *Apreensão dos grafemas*

“S” **Grafema Fonético** em posição de Mfa em monossílabos.

“C” **Grafema Etimológico** em posição de Mfa em monossílabos.

Na presente pesquisa, foram analisados também os dissílabos e trissílabos. Nesses casos, analisamos as letras não só nas diferentes posições, mas também em sílaba inicial e final (nos dissílabos) e sílaba inicial, medial e final (nos trissílabos).

Os resultados das análises permitiram-nos algumas conclusões:

1. Código oral e escrito, apesar de distintos, são paralelos, pois ambos distinguem significantes de signos. Cada um o faz à sua maneira: no código oral, a distinção é feita através de traços acústico-articulatórios; já no código escrito, a distinção é feita por traços fonéticos, etimológico-fonéticos e etimológicos. A substância que manifesta o código oral é o som; a que manifesta o código escrito é a letra.

2. Assim como há, no sistema fonológico, fonemas manifestados por sons, há, no sistema ortográfico, grafemas manifestados por letras. Quanto ao /s/ e /z/ em suas oposições, definem unidades do sistema fonológico. No sistema ortográfico, encontramos cinco grafemas:

- três grafemas etimológico-fonéticos "C" "S" "Z" e
- dois grafemas fonéticos: "S" e "Z".

As letras que manifestam esses grafemas são:

"C - c - ç - S - s - ss - Z - z - s (intervocálico).

3. Todo código é regido por regras internas. Como código social, o código escrito apresenta um conjunto de regras internas para indicar os paradigmas nodulares da sílaba escrita, regras essas que podem ser descritas. Assim como há, no código oral, posições sincréticas, também há sintetismos em determinados nódulos da sílaba escrita.

4. Há regras combinatórias no sistema fonológico. De acordo com tais regras, os fonemas /s/ e /z/ opõem-se em Mia mas neutralizam-se em Mfa. No sistema ortográfico, as marginais iniciais precisam ser divididas em sílaba inicial, medial e final, pois os paradigmas são distintos:

Mia	Mii	Mir	C	Mfr	Mfa	+	(Mia	Mii	Mir	C	Mfr	Mfa)
"C" /s/							"S" /S/	"c ç" /s/				
"S" /s/								"s s" /s/				"S" /S/
"Z" /z/								"s" /z/				
								"z" /z/				"z" /S/

Há ainda, dependendo da sintagmática das sílabas nos significantes dos signos, as variantes combinatórias:

Grafemas	Fonemas	Variantes Combinatórias
"C"	/s/	"Ç"
"S"	/s/	"SS"

O presente trabalho nada mais é que um primeiro passo para resolver os problemas da ortografia. Mostrou-nos, no entanto, que o método fonológico é válido para a descrição do sistema ortográfico.

Depois da descrição desse sistema, há, sem dúvida, a necessidade da elaboração de um material didático que possibilite a operacionalização, em sala de aula, do modelo teórico proposto. Mas para isso o lingüista não deve trabalhar sozinho. É necessário um estudo interdisciplinar, envolvendo estudiosos de língua, psicólogos, pedagogos, sociólogos etc.